

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Adriano Alves

Centro de Memória da Etec Trajano Camargo

Limeira/SP

2019

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistadora: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Instituição: Etec Trajano Camargo, em Limeira/SP

Levantamento de dados preliminares à entrevista:

O curso técnico de mecânica ia fazer 40 anos, em 2018. Conheci um ex-aluno que foi da 3a. turma de formandos. Ele disse que se lembrava de muitos fatos, dentre aqueles que lhe apresentei. Marcamos uma entrevista na escola. E ele, com fluência e gosto, deu o depoimento que se segue.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Local da entrevista: sala de reuniões da Etec Trajano Camargo, Rua Tenente Belizário, 439, centro, Limeira/SP

Data: 30 de janeiro de 2018

Técnico de gravação: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Duração: 24 minutos

Número de vídeos: 01 (um)

Transcritora: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Número de páginas: 16

Sinopse da entrevista

As perguntas da entrevista versaram sobre o cotidiano escolar, currículo, provas, notas, professores, máquinas e práticas do curso técnico de Mecânica, a sexta habilitação profissional de 2º grau, a ser instalada no Centro Estadual Interescolar Trajano Camargo.

Transcrição da entrevista

Entrevistado: Adriano Alves. / Etec Trajano Camargo, em Limeira/SP

Data da transcrição da entrevista: 18 de fevereiro de 2013

Nome do transcritora: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

MAGB: Adriano, primeiro agradeço você de participar da entrevista dos seus tempos de curso de técnico em mecânica aqui na escola, que esse ano são 40 anos. Então, gostaria que você falasse um pouco como foi o curso, os alunos, os laboratórios, os professores, enfim, aquilo que você vai conseguir lembrar. OK?

MAGB: Então, você pode começar. Você entrou aqui...

AA: Em 1978, eu terminei o Castello Branco. No final do ano, teve o vestibulinho, vestibulinho bastante concorrido. Eram muitos alunos para as vagas disponíveis. E eu me lembro assim, que na mesma situação, eu prestei o Senai também. Então, dessa forma, fui fazer o Trajano à noite. O curso tinha a duração de 4 anos e o 1o. ano ...

MAGB: Você tinha quantos anos?

AA: Eu tinha 15 anos completados em janeiro. Na verdade, no vestibulinho eu tinha 14. Quando começou o ano letivo eu tinha 15 completos, aí. E, nessa condição do Senai durante o dia, de manhã e de tarde, e o Trajano à noite. O 1o. ano, como eu disse, era misto e era um base. Nessa época, tinha uma matéria chamada PIP, Programa de Integração Profissional, e essa professora nos alertava sobre os diversos cursos existentes no mercado, não só aqui na escola. De repente, nós falávamos de um curso de contabilidade que não era oferecido no Trajano, na época, mas evidenciava muitos cursos aqui – metalurgia, ...

MAGB: Quem dava essa aula?

AA: Era uma moça, eu não me lembro do nome dela. Nos meus cadernos eu devo ter isso. Eu devo ter esses cadernos ainda. Mas era uma matéria interessante. E nossa classe tinha, mais ou menos, 40-44 alunos. Nós éramos mais ou menos todos iguais

em termos de classe social. Eram todos meninos que um dia queriam melhorar sua situação, através da formação profissional. Bom, isso foi muito interessante. Nós tínhamos uniforme. Na época, era uma capa branca que a gente usava, um avental branco, por cima de qualquer roupa.

MAGB: Mas para todas as aulas? Ou só...?

AA: Para todas as aulas. Era um guarda pó. Se não me lembro, no 3o. ano, isso mudou. Daí, foi uma camiseta com o logo da escola e tal. E, nessa época, fiz parte do Centro Cívico também. Sempre gostei disso, não tem jeito, isso me persegue (risos). Nós desenvolvemos a camiseta e tudo o mais. Curso de 4 anos. Na formatura nossa, eu me lembro, que as desistências foram mínimas. O pessoal que optou por mecânica foi até o final. Muitos não seguiram carreira mas muitos ficaram na área de mecânica e hoje são gerentes de fábrica, são empresários e a coisa deu muito resultado, deu muito fruto e era tão gostoso na época que, mesmo sendo um curso noturno, das 7 às 11 da noite, a gente tinha aula de oficina, que hoje se chama laboratório. Essa oficina tinha uma coisa assim de 2-3 horas dentro. Tive o privilégio de ser aluno do prof. Celestino Mikami, que era um excelente professor, que depois foi meu gerente na época da Fumagalli. Tínhamos também, que, a gente tinha, que apresentar um relatório de estágio. E como já tinha o Senai, já cursava o Senai e era empregado pelo Senai, eu consegui esse relatório de estágio muito facilmente, dentro da chamada, na época, Rockwell Fumagalli, que era uma empresa americana, na época. As meninas, né, porque nessa época, o 1o. ano era misto, as meninas optavam por outros cursos, inclusive algumas, me lembro de quatro meninas cursaram metalurgia.

MAGB: É interessante, elas não vão para mecânica, as meninas faziam mais metalurgia.

AA: Isso. Mas hoje no curso do Senai tem muitas meninas. Dentro das fábricas, muitas meninas com alicatinho no bolso, com chave na mão.

MAGB: Mas nos cursos daqui, metalurgia tinha, mecânica, não, eletromecânica não tinha ninguém.

AA: Exatamente. Metalurgia tinha a Lígia e algumas meninas que eram amigas nossas, na época. Nosso curso terminou em 1982 e alguns nomes ficaram assim

gravados na nossa memória e nos nossos corações, prof. Zacharias, de Física, prof. Celestino Mikami.

MAGB: Que dava aula do quê, o Mikami?

AA: De oficina, dava aula prática. Prof. André Fior, fui aluno dele, prof. Arnold Bacchan, fui aluno dele também, prof. Guilherme. O Arnold Bacchan e o André foram meus colegas de trabalho depois, dentro da própria Fumagalli mesmo, assim como o prof. Celestino. O prof. Zacharias, o prof. Melhem, prof. Paulo Silveira, nosso paraninfo, meu amigo até hoje.

MAGB: Paulo dava aula de quê? Você se lembra?

AA: Paulo dava aula de resistência dos materiais. Era uma aula tão bem dada e a nossa formação era tão boa que, quando eu fui para a engenharia, eu via o pessoal sofrendo doidamente com física e resistência dos materiais e eu, nadando de braçada. Eu nunca fui aluno topo – A, A, A, não, era B, C, um azinho de vez em quando, não era top. Mas, na engenharia, pela formação que eu tive...

MAGB: Noção de metrologia, noção disso, daquilo, faz a diferença.

AA: Tudo.

MAGB: O curso técnico mesma coisa. Quem vai fazer engenharia química, quem faz o técnico de química, já sabe se comportar no laboratório, já sabe o que significam os materiais. Entendeu?

AA: Sim.

MAGB: É muito diferente.

AA: Uma coisa interessante também – como éramos todos do mesmo nível social, classe C – A, B, C, D, E, era C, meio do meio, nossos pais trabalhavam, eu estudava à noite. Então essa Rua Tenente Belizário era uma procissão e vinha todo mundo junto pra cá.

MAGB: Tinha ônibus?

AA: Não. Vinha a pé. A grande maioria vinha a pé.

MAGB: E você morava onde?

AA: Perto da delegacia.

MAGB: O endereço seu acho que é na Vila S. Cristóvão.

AA: Justamente, Rua S. Vicente de Paula, 138. Morei lá até me casar. E aí tive um cantinho na escola. Conheci minha esposa aqui na escola [ela esteve presente durante toda a entrevista, mas não fez nenhuma intervenção]. Ela fazia o curso de Economia Doméstica e a coisa foi se ajeitando. Tinha um cantinho ali, a gente namorava ali. Tinha uma inspetora de alunos – ela era muito boazinha, que falava “devagar vocês aí”. Mas ela não barrava, deixava a gente namorar, conversar, tal e tal. E o Trajano foi muito bom, muito gostoso. Tenho amigos daqui que são meus amigos até hoje, minha namorada da época, é minha esposa, mãe dos meus filhos. A gente está junto há quase 40 anos já, desde 1980, 38 anos.

MAGB: Beleza, beleza.

AA: O quê mais para te falar?

MAGB: Não, você já falou dos professores, agora eu gostaria, porque eu pergunto, a parte do laboratório. Eu descobri uma caixa Inventário na escola aí, onde tem muitas morsas. Eu não sei se foi um levantamento patrimonial, um inventário que foi pedido, se foi o ano de 78, que eles mandaram um monte de material, ou é 76? É 76. Então eu me pergunto: isso está acontecendo, os cursos, às vezes, é um boom, que o governo do estado resolveu mandar, porque mandou muito material ou, realmente, foi um inventário que teve que levantar tudo o que tinha. Mas tinha muita coisa – fresa tinha um monte, tinha esquadro, compasso. Eu faço a parte também dos bens materiais. Então eu queria só que você falasse um pouco mais de laboratório. O quê você lembra do laboratório? Ele ficava onde é agora?

AA: Sim.

MAGB: Nessa esquina aqui? No canto, não na esquina.

AA: No mesmo lugar.

MAGB: No mesmo lugar. O quê você lembra das máquinas? Você se lembra de algum nome de máquina?

AA: Nós tínhamos tornos, plaina limadora, fresadora. Mas não eram máquinas novas para a época, já eram máquinas um pouco ultrapassadas. Inclusive o grupo meu, como eu fazia o Senai e sabia manusear bem essas máquinas, eles me apelidaram de mestre. Então, ô mestre, ô mestre. Eu partilhava o que eu sabia com eles. Mas não eram equipamentos novos para a época, não.

MAGB: Mas suficientes para desenvolver as aulas, etc. e tal?

AA: Muito tranquilo, muito tranquilo.

MAGB: E as ferramentas, tinha bastante?

AA: Tinha, tinha.

MAGB: O que não tinha era torno. Máquinas não tinha muitas.

MAGB: Tinha, tinha, tinha tornos mas não eram modernos para a época, eram um pouquinho ultrapassados já.

MAGB: Sei.

AA: E as ferramentas manuais como lima, esquadro, martelo, tranquilamente, tinha sim o suficiente.

MAGB: Por que sabe que algumas delas, eu peguei algumas (vou pedir um mostruário de peças pequenas para deixar no Centro de Memória) eram feitas na Inglaterra, nos Estados Unidos. Tá escritinho lá, era tudo importado.

AA: E uma curiosidade: o prof. Celestino se preocupava em dar a parte mecânica, a

parte prática, mas nos envolvia com a história do Brasil e tudo mais. Por exemplo, o Japão é uma potência hoje, mas o professor nos contava que quando estava começando a escola aqui, estava montando a escola, ele recebeu visita de fornecedores japoneses de ferramentas. E ele nos conta que essas ferramentas eram de péssima qualidade porque elas eram feitas com sucata de equipamento de guerra, de tanque de guerra, de avião. Então você põe um macho no furo, você começava a fazer uma rosca, o macho ia torcendo, torcendo, de tão porcaria que era. Isso no pós-guerra, o prof. Celestino estava aqui contando no Trajano Camargo, recebendo essas visitas e contando pra gente. E como a coisa foi melhorando. E ele nos incentivava a melhorar, a progredir, porque se foi possível isso para o Japão, por que não para nós, aqui?

MAGB: Diz que a Coreia também, a Coreia do Sul fez isso e depois

AA: Exatamente.

MAGB: fez isso e depois não sei se na 2a. Guerra Mundial, acho que é depois da 2a. Guerra Mundial.

AA: Exatamente, depois da Guerra da Coreia, né.

MAGB: Depois da guerra da Coreia.

AA: Nos anos 50.

MAGB: Mas também não é muito longe, 50-53 foi a Guerra da Coreia.

AA: Então, é isso aí. Depois dividiu e eles ficaram...

MAGB: Tem gente que fala que começaram os Hyundai daí da vida.

AA: Isso.

MAGB: Começou assim, com um senhor que foi atrás, etc. etc. O que mais? Que cursos a escola tinha que você lembra?

AA: Vamos lá. Pros meninos, tinha curso de mecânica, eletromecânica, metalurgia, desenho, daí tinha o curso de economia doméstica, nutrição, hum...

MAGB: Eletromecânica?

AA: Eletromecânica sim, falei também.

MAGB: Ah! Você falou. Tá. Acho que eram esses.

AA: Que eu me lembre era isso aí.

MAGB: A escola naquele tempo tinha classe [de 1o. grau], você lembra disso? Porque nunca estudei muito bem, eu não sei muito bem o que vem a ser centro interescolar, sabe. Mas, eu acho, assim, que era uma escola acadêmica que começa com curso técnico. Eu acho que era isso que chamava.

AA: Na verdade, chamava o 1o. ano de base, a gente tinha geografia...

MAGB: É o 2o. ciclo [grau] básico, é, é.

AA: Aí, o 2o. ano, a gente optava.

MAGB: É, fazia opções. Isso eu sei dizer. Agora, e o mercado? Ah, pera aí, como era com relação a avaliação, as notas, conceitos, se tinha 2a. época.

AA: A gente tinha conceito de A a E. Se você tivesse quatro conceitos C, você era aprovado, formava 12 pontos. Se tinha A, A, D, D, 10, 12, 14, foi aprovado. Mas o professor não gostava disso, ele te ameaçava de jogar pra o exame final porque você caiu de nível, você tirou de A, A, A e D, ele ia te cobrar disso aí, porque você fez corpo mole. Os professores eram rígidos, eram muito amigos, mas eram muito rígidos também. Não tinha moleza. As provas eram bem complicadas, eram provas bem elaboradas, você tinha que estudar, não se ganhava nota, você tinha que conquistar essa nota e não era fácil. Tem um fato assim que eu tenho muito fresco na memória que eu detestava o prof. Zacharias, eu não gostava, não gostava, ele era muito duro, muito duro. A 1a. prova dele tirei D, a 2a. prova fui lá e tirei outro D, a 3a. tirei outro D. Isso no 1o. ano. Eu ia reprovar de ano. Aí tomei vergonha na cara e comecei a

pegar as listas de exercícios que ele fazia a mão, passava no mimeógrafo e distribuía para quem quisesse. Aí eu quis. Eu fui ver como é que era isso. Ele era tão caprichoso que ele colocava a resposta na questão. Cada questão tinha a sua resposta. E eu comecei a fazer. Pera aí um pouco, esse negócio não é tão difícil não. Tanto é que chegou na última prova, tirei A. Só que tinha D, D, D, A, somei onze pontos. E fui pra o exame final. Esse exame final me fez estudar ainda mais. Tirei A no exame final, que não era fácil.

MAGB: Em dezembro?

AA: Dezembro.

MAGB: Por que existia 2a. época, em fevereiro?

AA: Não. Se você reprovou, aí dançou. Não tinha o janeirinho, o fevereiro, a gente se perdia ali. Para resumir a história, tirei A, me apaixonei por Física.

MAGB: Ah! Era física, né.

AA: Fui pra faculdade, um exímio aluno de física e o Zacharias foi um dos melhores amigos que eu tive, excelente pessoa, tinha uma admiração por ele e, onde ele estiver, ele sabe disso.

MAGB: Olha que beleza! Uma das coisas que o professor gosta é quando os alunos vão pra frente.

AA: Exatamente.

MAGB: É o que a gente gosta, que o aluno vá pra frente.

AA: Ele queria. O Zacharias era assim o tipo do professor que você procurava ele depois da aula, no horário do intervalo, antes da aula, ele parava e te ensinava, ele não tinha “na aula te explico”. Não. Ele tinha entrado na sala dos professores, tantas vezes, e ele saía para explicar no corredor. E nunca reclamou disso.

MAGB: Esse é o bom professor. E morreu depois que se aposentou. Uma judiação!

AA: Pois é.

MAGB: Uma judiação. Está saindo boa a entrevista. Tá saindo boa. O quê você lembra em termos do prédio?

AA: O prédio era bem conservado, bem limpo, inspetores de alunos por todo canto, os banheiros eram limpos, bem usáveis, não eram um ambiente fedido. Lembro de uma cantina que tinha no cantinho, a gente ia tomar coca cola, de vez em quando.

MAGB: A escola aqui é meio festeira. Esse ano vai fazer 65 anos. E aqui eles fazem umas festas danadas. Eu não gosto de festa mas vira e mexe estou fazendo festa para comemorar os cursos. O que vamos fazer! E tinha comemoração aqui na escola?

AA: Não era uma época de muita festa não, naquele tempo. Eu me lembro de alguma festa junina, talvez, no meio do ano. Mesmo formatura nós não tivemos. Nós só tivemos um salão social [o auditório da escola]. Não tivemos uma festa de formatura.

MAGB: Outra coisa: você lembra algo de marcante na escola? Você falou do Zacharias. É marcante também, né. Mais alguma coisa que seja marcante que você lembra?

AA: Meu namoro foi muito marcante.

MAGB: Verdade! A vida pessoal, é claro, claro, claro.

AA: Conheci minha esposa aqui.

MAGB: E quais eram as indústrias da cidade, nesse tempo? As grandes indústrias. Você se lembra da situação econômica do país?

AA: Nós tivemos naquela época, uma década perdida. Quando acabei o Trajano foi em 82, eu trabalhava na Fumagalli. No ano de 83, nós começamos a trabalhar de 2a. a 5a. feira porque não tinha produção, não tinha justificativa para se trabalhar cinco dias na semana. A gente trabalhava quatro dias por semana. Isso foram 3, 4 meses, uma coisa assim. As perspectivas não eram boas, mas nós tínhamos uma Freios Varga que empregava 4, 5 mil pessoas, uma Fumagalli que empregava 1.200

peças, Invicta, 800, 1.000 pessoas, Rocco, uma indústria de ponta, as máquinas Rocco até hoje são ótimas, são ótimas. Você pega uma engrenagem...

MAGB: Mas existe a empresa ainda ou não?

AA: Não. A empresa fechou nos anos 90. Você pega uma máquina Rocco antiga, 1970 alguma coisa, vê a condição das peças, coisa de primeiríssimo mundo. Nós tínhamos também Mastra, nós tínhamos

MAGB: Zaccaria?

AA: Zaccaria, D'Andréa, Lucato.

MAGB: Que eram as mais antigas.

AA: que era aqui no Shopping Pátio, Prada, fábrica de chapéus e sapatos.

MAGB: Mas, enfim, de todas essas, a gente fala assim, que eram indústrias do ramo metal metalúrgico, não, metal mecânico.

AA: Metal mecânico, a grande maioria.

MAGB: É por isso que a escola começou, uma coisa leva a outra, necessidade de mão de obra.

AA: Na verdade, sim, o que ligo da nossa escola aqui, ela começou com o Dr. Trajano.

MAGB: Não. Eu explico depois, fora daqui eu explico rapidinho para você a história da escola. Não é bem assim.

AA: Não é bem isso.

MAGB: Dr. Trajano é patrono. Toda escola que levou o nome dele é depois da morte dele. Depois eu mostro aquela fotografia ali para você [apontado a foto da Machina S. Paulo dependurada na parede da sala de reunião, datada de 1925.

AA: Mas ele teve uma escola dentro da fábrica dele.

MAGB: Sim. Eu tenho até para mostrar pra você. Se quiser, eu tenho ali [no computador].

AA: Eu gosto muito de História.

MAGB: Você daria um bom professor.

AA: Eu sou um bom contador de historia.

MAGB: Eu não sou uma boa contadora de historia, mas eu adoro história, adoro história.

AA: Mas alguns fatos marcantes: a gente tinha aquele viço da juventude, aquela sede de conhecimento, , aquela sede de entrar na indústria e falar “agora é a minha vez”, né. E a gente conseguia.

MAGB: E então e daí? Você saiu daqui, você foi trabalhar onde? Onde você estava?

AA: Eu já trabalhava na Fumagalli.

MAGB: Na Fumagalli.

AA: Fui aluno do Senai [Ferramentaria, em Campinas] já empregado pela Fumagalli.

MAGB: Desde sempre.

AA: Setenta e nove, dia 5 de fevereiro de 79 é o primeiro registro, e único.

MAGB: Nossa! E ficou até, lá.

AA: Eu fiquei até 1993, dia 11 de março de 1993. Quando eu saí eu montei meu próprio negócio. Quer dizer, 12 de março desse ano, completo 25 anos como pequeno empresário.

MAGB: Hã. Ótimo. Essa questão de viço nós vamos falar. Eu acho, Adriano, que aquilo que eu poderia perguntar para você, acho que nós conseguimos fazer. Você foi bem didático, você falou e acho que era aquilo que eu queria ouvir. Então, eu agradeço porque são várias as entrevistas. Eu adoro as entrevistas. O trabalho maior é fazer a transcrição depois e, depois, eu costumo usar, se eu faço a sessão solene, às vezes eu arrumo algum aluno para editar, para encurtar uma entrevista, para deixar uns minutinhos lá para passar. Entendeu? Então, muito obrigada. Eu acho que ficou legal e vamos lá. Com isso vai se perpetuar. Pelo menos, enquanto eu estiver por aqui.

Nota: Errata – p. 1 - PIP: Programa de Informação Profissional

Descritores

Técnico em mecânica
Arnaldo Luiz de Gaspari
Celestino Mikami
Paulo Silveira
Indústria Rockwell Fumagalli
Sistema de avaliação escolar
Adriano Alves
Marlene Aparecida G Benedetti
História oral na Educação
Centro de Memória
Escola Técnica Estadual Trajano Camargo
Arnold Baccan

Dados Biográficos do Entrevistado



Fotografia: Marlene Benedetti, em 16/10/2018

Adriano Alves nasceu no dia 1º de setembro de 1955, em Limeira/SP. Fez educação básica: da 1a. a 4a. série no Grupo Escolar Cel. Flaminio Ferreira de Camargo (1971-74); da 5a. a 8a. série na Escola Estadual Castello Branco (1975-78); do 1o. ao 4o. ano, o curso técnico em Mecânica, período noturno, no C.E.I. Trajano Camargo (1979-1982); curso de mecânica geral no SENAI de Limeira (1978-1980); ferramentaria no Senai de Campinas (1981); curso superior em engenharia industrial mecânica, período noturno, na Unimep (1983-89). Trajetória profissional e instituições ou empresas onde trabalhou: Empresas - Rockwell Fumagalli, atualmente Maxion Wheels, de 1979 a 1993, de aprendiz a engenheiro mecânico; de 1993 até hoje, empresário do ramo de automação industrial.

Dados Biográficos da Entrevistadora



Fotografia: Dugan Robbins, em 31/12/2018

Marlene Aparecida Guiselini Benedetti nasceu em 15 de abril de 1946, em Limeira/SP. Fez educação básica: o primário (1a. a 4a. série) no Grupo Escolar Cel. Flaminio Ferreira de Camargo e o ginásio (5a. a 8a. séries) no Instituto de Educação Castello Branco; magistério ou curso normal na mesma instituição. Curso superior: Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro (atual UNESP); História na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Guaxupé (MG); Estudos Sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ouro Fino (MG). Trajetória profissional: Professora de 1o. e 2o. graus na rede estadual: início, em 1968, em Araras, no Ginásio Industrial Estadual Alberto Feres e, a partir de 1970, em Limeira, nas atuais escolas estaduais: Castello Branco, Prof. Nestor Martins Lino, Profa. Ruth Ramos Cappi, Prof. Lázaro Duarte do Páteo, Prof. Antonio Perches Lordello. Exerceu, durante um ano o cargo de diretora e, por dois anos, o de coordenadora de projeto de reestruturação do curso noturno, no Perches Lordello. Em 1995, começou a lecionar na Etec Trajano Camargo. Tem realizado pesquisas sobre a história da escola Trajano Camargo, desde 2008. Faz parte do GEPEMHEP- Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional.

Anexos:

Termo de Cessão dos Direitos Autorais do entrevistado

Termo de Autorização para uso de Imagem do entrevistado